

Debatendo mitos, representações e convicções acerca da invenção de um bairro lisboeta

Marlucci Menezes¹

Laboratório Nacional de Engenharia Civil

Resumo: Este trabalho aborda as complementaridades e contrariedades da invenção do bairro da Mouraria, em Lisboa. Foca-se as tentativas de (re)invenção do bairro através de propostas de intervenção técnica e urbanística que fixam valores e representações, e símbolos urbanos identitários, sobretudo incrementados em torno das ideias de cidade ‘plural’ e ‘cultural’. Explora-se a hipótese de que a ambiguidade e a ambivalência, como as interconexões entre processos de emblematização e de estigmatização territorial, são centrais na interpretação da realidade ‘polifónica’ que é o bairro.

Palavras-chave: Imagens identitárias; Processos de emblematização e estigmatização territorial; Polifónico; Bairro.

¹ Geógrafa, Doutora em Antropologia e Investigadora do Laboratório Nacional de Engenharia Civil (LNEC) (Lisboa, Portugal). *E-mail:* marlucci@lnec.pt

1. O argumento de reflexão²

Acompanhando as dinâmicas socioespaciais do bairro da Mouraria, em Lisboa, desde princípios dos anos 90 do século XX, temos vindo a refletir sobre os motivos socioculturais dos dilemas, contendas e conflitos simbólicos subjacentes ao processo de construção de imagens identitárias do bairro (Menezes, 2011, 2009, 2005, 2004, 2003, 1994). Interessam-nos, em específico, as questões relacionadas com os processos de definição de imagens identitárias do lugar Mouraria, através da reprodução de determinados símbolos urbanos identitários, valores e representações, como de projetos de intervenção urbana incrementados em torno de determinadas imagens, como, por exemplo, as de cidade ‘plural’ e ‘cultural’. Interessam-nos, ainda, as questões relacionadas com as complementaridades e as contrariedades que atravessam os processos de definição de determinadas imagens identitárias, através de lógicas ambivalentes e ambíguas³, que, entretanto, se definem a partir de interconexões entre processos de emblematização e estigmatização territorial.

Falar, ouvir, pensar no bairro da Mouraria, sugere uma heterogeneidade de imagens que transitam entre a ideia de tradição, tipicidade e cultura popular, liminaridade e perigo, multiculturalidade e multiétnicidade, historicidade e património (entre outras). Mouraria é uma denominação que se repercute no nosso subconsciente urbano, através de imagens imbuídas de muitos significados e significantes, mas que também nos conduz a um ponto crucial para o entendimento do bairro: a multiplicidade de representações sobre a sua invenção social, simbólica e urbana. Este aspeto motiva o interesse em, aqui, interrogar alguns dos mitos, representações e convicções relacionados com a invenção do bairro⁴.

² Reflexão desenvolvida no âmbito do projeto *Sistemas construídos: memórias, práticas sociais e ambiências urbanas*, do Núcleo de Ecologia Social (NESO/LNEC) e enquadrado no Plano de Investigação Programada (2009-2012) do LNEC. Observa-se, ainda, o nosso agradecimento a Luís A. Machado pelos comentários críticos a alguns outros textos que se desenvolveu sobre a Mouraria e as questões da intervenção sociourbanística, já que os mesmos foram importantes na elaboração da presente reflexão. Todavia, o que aqui se mantém como inconsistente é da responsabilidade da autora.

³ Para Marc Augé (1997: 79; 1999: 47-48), *ambivalência* é uma noção que infere a coexistência de duas qualidades, mesmo que contrárias; enquanto a *ambiguidade* remete para uma relação que não se define por uma ou outra qualidade, nem tão pouco pelos seus contrários, mas sim por uma terceira condição e que se constitui sobre uma dupla negação: nem é x nem é y.

⁴ Aqui, não nos debruçamos sobre os dogmas e convicções produzidos por trabalhos académicos. Mas, ao longo deste nosso percurso de estudo sobre a Mouraria, temos vindo a observar, também, uma série de ideias pré-concebidas que, às vezes, pretendem-se realidade. Tais ideias são, por exemplo, alusivas à

A perspetiva que, aqui, se defende é a de que (1) a interpretação da realidade social, urbana e simbólica do bairro deveria focalizar as interconexões existentes entre os processos de emblematização, segregação e estigmatização; (2) existe um conjunto de dualidades e oposições que atravessam as várias dimensões sociais, simbólicas e espaciais, analogamente permitindo separar indivíduos, grupos, espaços e tempos, como a articulação e a coexistência – paralela e/ou conflitual. Isto é, aqui é relevante a ideia de que as tentativas de (re)invenção das imagens identitárias do bairro, designadamente aquelas que se colocam no âmbito das recentes propostas de intervenção técnica e urbanística, nem sempre têm aproveitado o sentido ‘polifónico’ local e que, como tal, evoca ambiguidades e ambivalências, enfim, fronteiras e interstícios. E, nesta ótica, parece-nos interessante a seguinte observação de Gupta e Ferguson (2000: 45):

“As fronteiras são justamente esses lugares de *contradições incomensuráveis*. O termo não indica um local topográfico fixo entre dois locais fixos (...), mas uma zona intersticial de deslocamento e desterritorialização, que conforma a identidade do sujeito hibridizado. Em vez de descartá-la como insignificante, zona marginal, estreita faixa de terra entre lugares estáveis, queremos sustentar que a noção de fronteira é uma conceituação mais adequada do local *normal* do sujeito pós-moderno.”⁵

No ponto que se segue salientam-se alguns dos aspetos centrais da (contínua) invenção da Mouraria, procurando ressaltar aqueles que mais interferem no processo de construção de imagens identitárias do bairro. Seguidamente, discutem-se determinados aspetos relacionados com dinâmicas contemporâneas de (re)invenção da Mouraria, sobretudo focando as recentes lógicas locais de intervenção urbana. No final, retomam-

questão da identidade cultural e territorial ou à própria forma como se idealiza a noção de ‘cultura’ relativamente às dinâmicas socioculturais e espaciais locais.

⁵ Para Ulf Hannerz (1997: 29), a utilização de certas palavras-chave pela *antropologia transnacional*, tais como fluxo, fronteira e híbrido, limite, interstício, difusão, homem marginal, permite colocar “a globalização com os pés no chão e ajuda a revelar a sua face humana”, pois “leva a pensar que o mundo não está se tornando necessariamente igual. Há luta, mas também há jogo. Os *tricksters* prosperam nas zonas fronteiriças”. Segundo Sharon Zukin (2000: 82, 83), o espaço da cidade pós-moderna estimula e imita a ambiguidade, transformando sítios específicos da cidade em espaço liminares, onde “a liminaridade dificulta o esforço de uma identidade espacial.” Mas o espaço liminar situa as mudanças nas nossas experiências e modela o quotidiano, assim, “uma paisagem pós-moderna não apenas mapeia cultura e poder: mapeia também a oposição entre *mercado* – as forças económicas que desvinculam as pessoas de instituições sociais estabelecidas – e *lugar* – as formas espaciais que as ancoram no mundo social, proporcionando a base para uma identidade estável”.

se os principais aspetos comentados ao longo do texto, propondo, em específico, uma perspetiva de interpretação da realidade do bairro, a partir da incorporação das múltiplas e diferentes vozes, representações, imagens e práticas. Isto é, da incorporação das lógicas de complementaridade e contrariedade, enfim, da ambiguidade e da ambivalência, no âmbito da criação de um debate mais alargado sobre a intervenção sociourbanística.

2. As Mourarias da Mouraria

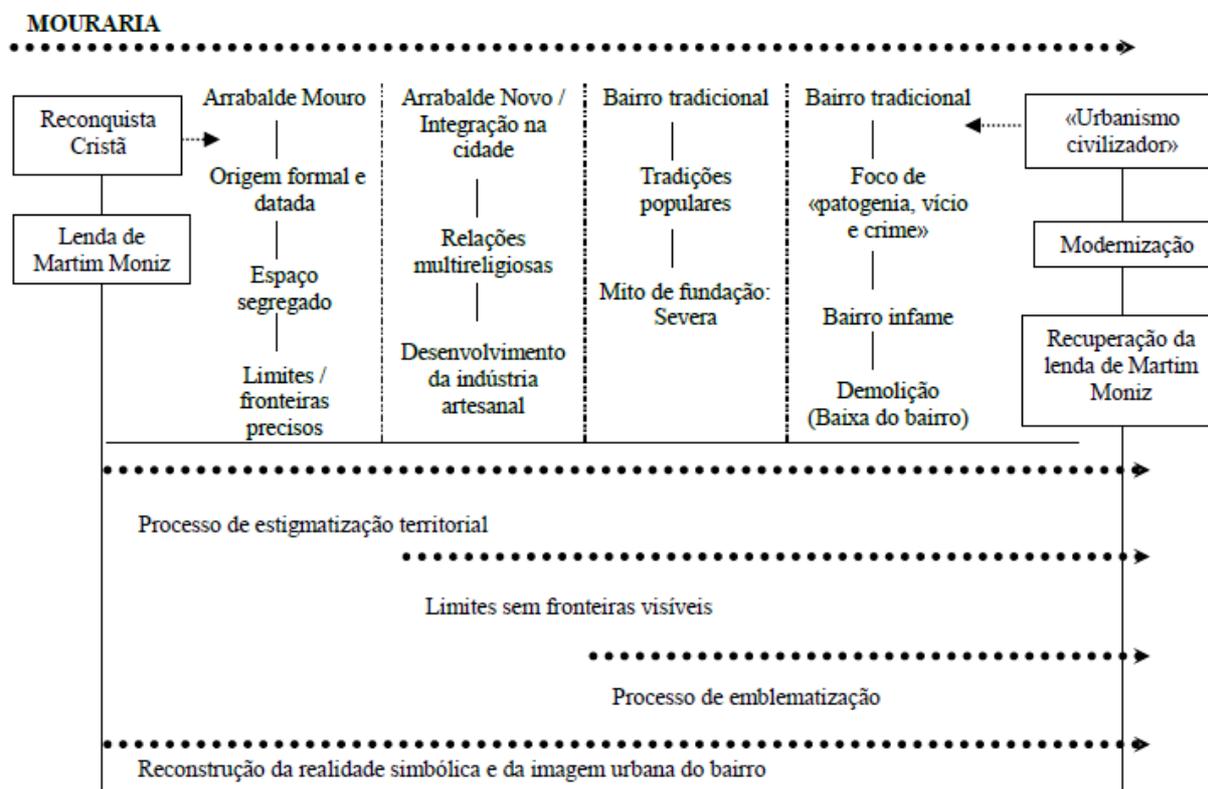
2.1 Uma invenção formal?

De certo modo, a Mouraria é uma invenção datada e instituída, já que, com a Reconquista Cristã, em 1147, mouros e judeus que não deixaram a cidade tiveram que residir semienclausurados numa “comuna” ou “arrabalde” (Barros, 1998). Pelo que pode-se considerar que a invenção da Mouraria possui uma origem datada e formal (o foral de 1170), o que a particulariza relativamente aos outros bairros tidos como tradicionais e populares de Lisboa. Essa origem formal repercutiu-se, inclusivamente, na própria materialidade e visibilidade do arrabalde que, inventado como um espaço segregado para os *mouros vencidos*, teve limites e fronteiras que, à época, eram precisos e reconhecíveis.

Mas esse primeiro período formativo e constitutivo seria ultrapassado em decorrência das circunstâncias sociais, económicas e urbanas e, assim, a Mouraria transbordou as suas próprias muralhas, estendendo-se pelas áreas circundantes. Contudo, o bairro continuaria fora das muralhas da cidade, constituindo-se como uma espécie de espaço intersticial que, mesmo após a expansão da cidade, com a urbanização dos campos e o derrube da Cerca Fernandina, condicionou, do ponto de vista simbólico e urbano, a elaboração de um complexo processo de estigmatização territorial⁶ que, na atualidade, ainda se faz notar (ver Figura 1).

⁶ Para Miguel Chaves (1996: 290-291), um *território estigmatizado* reflete as representações que uma maioria ou amplos setores de uma sociedade elaboram sobre um dado território urbano, sendo que a aceitação exógena do estigma reduz a diversidade e a complexidade endógena a poucas ou apenas a uma única dimensão, entretanto negativamente valorizada e transformada em problema social. O *território estigmatizado* transporta essa carga negativa e torna-se símbolo do próprio problema, podendo o processo de estigmatização ser de tal modo amplificado que, para além do território, também os seus habitantes podem vir a tornarem-se exemplos exclusivos do problema.

Figura 1 – Aspectos centrais da invenção da Mouraria (i)



Fonte: Adaptado de Menezes (2003)

2.2 Da invenção do bairro tradicional: entre a tipicidade e a má fama

A Mouraria também é socialmente construída como um bairro com tradição, encontrando-se essa sua fundação algures no meio de uma complexa rede de elementos culturais, sociais, históricos, urbanos e rurais, sonhos, mitos e representações. Se entendermos que a ideia de tradição evoca “um conjunto de orientações valorativas consagradas pelo passado” (Oliven, 1992: 21), passado esse que, entretanto, é quotidianamente inventado (Hobsbawn e Ranger, 1996), coloca-se o problema de tentar perceber como operam essas construções sociais que ligam as tradições às identidades sociais e espaciais.

Repare-se que um dos fenómenos que despontam da dinâmica de recomposição e reconfiguração urbana, traduzido nos elevados índices de concentração populacional nos bairros antigos de Lisboa e nas mudanças demográficas, sociais e culturais

provocadas pelas vagas migratórias de finais do século XIX, é a invenção daquilo que, posteriormente, seria chamado por *tradições populares*. E que, nos dias de hoje, diferenciam esses bairros e a sua gente dos outros locais e dos outros bairros da cidade, por causa de uma herança cultural e vivencial, que continua a “afirmar-se através de sistemas culturais locais (...) como se tivessem incorporado uma cultura local com traços de continuidade com o passado” (Cordeiro, 1995: 163-164). Descobrir os precedentes que justifiquem essa Mouraria típica e tradicional é ir ao encontro de um sistema de representações que se reporta a um outro sistema de representações⁷, isto é, aqui tem a importância um mito – a Severa (tida como cantora de fado) –, cuja função sociológica é bastante próxima de um mito de origem.

Para entender o elo existente entre o processo de emblematização e estigmatização é preciso explicitar que, de um lado, ambos se combinariam de modo a gerar uma identidade territorial; de outro lado, essa identidade é, no plano social, cultural e espacial, contraditória (e de certo modo ambígua) e parece exprimir-se, enquanto realidade Oitocentista, num misto de *peculiaridade sociocultural*, *miséria* e *vício*. Peculiaridade sociocultural porque alguns aspetos da dinâmica do bairro logo participariam de um conjunto temático mais amplo, dando origem ao que se veio chamar *tradições populares*, sendo esse conjunto composto por temas como o fado, arraiais, marchas, conversas, memórias, comportamentos, solidariedades... (Cordeiro, 1995). *Miséria* porque as condições de vida no bairro não eram as mais propícias. *Vício* porque essa parte antiga da cidade com os seus bairros “ainda muito atrasados, servidos de ruas e bêccos estreitos e ingremes, povoados a maior parte de pardieiros, aonde residem as classes operárias e as viciadas” (Pinheiro, 1905: 205) contribuiriam, juntamente com aquilo que se chamou peculiaridade e miséria, para a também invenção de uma “Lisboa Boémia” que:

“(...) aparece como um espaço social fechado marcado essencialmente pela marginalidade e sua especificidade que passa pelo espaço físico que a circunscreve (Bairro Alto, Alfama, Mouraria ...) mas que a ele não se reduz; especificidade que passa principalmente pelo tipo de relações que se desenvolvem entre os

⁷ Para Roland Barthes (1987), o mito é um sistema de representações que se reporta a um outro sistema de representações já constituído, sendo uma metalinguagem que define a outra a partir das suas próprias conveniências e propósitos.

participantes da boémia: prostitutas, fadistas, marialvas, chulos (...)” (Machado Pais, 1985: 44).

A par das gentes de ofícios e serviços, e do baixo nível socioeconómico da população do bairro, a Mouraria logo se tornaria um bairro mal afamado, infame e tempestuoso, por causa da gente de *vida parasitária* e das *desordeiras*, sendo exemplo dessa condição as prostitutas e o tipo fadista. Na *Lisboa Boémia*, a Mouraria teria um lugar cativo com as suas “casas suspeitas, os hotéis para pernoitar, com a sua tradicional lanterna de luz frouxa, os seus cantos e recantos que protegem baixas aventuras (...)” (Fundação Calouste Gulbenkian, 1924: 245). Os homens e as mulheres da Mouraria davam muito que fazer à polícia, ao ponto de Júlio de Castilho ([1885] 1967: 303) escrever que as “estatísticas criminais não-de-abrir uma casa negra nos seus mapas, com o nome Mouraria (...)”.

É neste contexto espacial e temporal que surge o mito da Severa: Maria Severa Honofriana, aquela que logo se destacaria como a própria essência do fado. “Mito, lenda ou certeza”, esta “cantadeira portuguesa, de estilo original” (Baguinho, 1999: 30), ficou na memória do fado e dos bairros tradicionais da cidade, em especial na memória social da Mouraria.

É certo que, ao longo do século XIX, o mundo do fado, da vadiagem e da prostituição garantiu um lugar para a Mouraria na geografia da boémia lisboeta. Porém, sem descuidar o facto de que a aristocratização do fado, em finais do século, e a tendência para o aumento das densidades populacionais na periferia seriam decisivos para a diminuição da boémia no centro da cidade, ela não desapareceu de todo, mas talvez tenha ganho uma outra forma que, praticamente, perduraria até finais da primeira metade do século XX, quando o bairro sofreu uma radical alteração física e social, já que, numa Lisboa que se modernizava a passos rápidos, pouco a pouco, a Mouraria tornar-se-ia o mártir esquecido dos efeitos drásticos de uma proposta desastrosa de tentativa de limpeza e ordenação urbana.

A ideia de que os bairros típicos da cidade necessitavam de uma *nova imagem* ou de um *urbanismo civilizador* teve muitos aderentes. Luís C. Reis (1908), por exemplo, num artigo denominado “A miséria em Lisboa”, considerou que a miséria, o crime e os perigos dos bairros típicos desapareceriam caso se deitasse “abaixo os bairros velhos, os bairros do vício e do crime, respeitando as recordações históricas e artísticas, conservando um ou outro aspecto integral (...)” (Reis, 1908: 342). Valoriza-se, assim, a

melhoria da rede viária e dos transportes, vistos como a possibilidade de tornar a cidade mais eficiente e funcional, a par da necessidade do *arranjo estético* de Lisboa. Tal estimulou o desenvolvimento de estudos que versavam sobre como transformar os *velhos bairros*, sendo dada especial ênfase aos bairros de Alfama e Mouraria.

Contudo, a destruição da Mouraria, prevista desde princípios do século XX, apenas viria a concretizar-se nas décadas seguintes (entre 1930-1960), tendo sido destruída uma série de edifícios, como os quarteirões e ruas que os circundavam na baixa da Mouraria. Esta destruição (juntamente com a do mercado da Praça da Figueira) desencadeou um processo de desarticulação de toda aquela área da cidade, prejudicando o núcleo de atividades e de funções que lhes davam vida e os caracterizavam, reforçando um processo de marginalização funcional, física e social. O bairro teve um repentino desfalque populacional com as demolições. Era, contudo, necessário realojar aqueles que, em menos de dez anos, vagavam na pesada constatação de que as suas vidas não eram mais que insalubres e infames. Triste história para as gentes que seriam mandadas para os bairros de habitação social, alguns provisórios, que se iam construindo pela periferia da cidade. Dessa gente pouco se sabe. A memória oficial, muitas vezes, é curta e os registos, praticamente, não se preocuparam em resgatar a história daqueles que ali habitaram. Uma parte da cidade tantas vezes vencida, fazendo eco a ideia de *vale dos vencidos*...

A tentativa de *limpeza* social da tão “insalubre” e “mal afamada” Mouraria, e que quase destruiu o bairro por inteiro, empurrou as prostitutas, os rufias, chulos e tascas que ali tinham alimentado muitas lendas, casos e enredos narrativos, para as extremidades de uma Mouraria alargada. E mais, em finais do século XX, nos espaços sociais deixados vagos por uma Mouraria de *boémia* decadente, logo apareceria a nova face da liminaridade urbana: sem-abrigo, traficantes, consumidores de droga e minorias étnicas (alguns imigrantes “sem papéis”) ⁸.

⁸ Para Loic Wacquant (2006: 28), “a estigmatização territorial na idade da marginalidade avançada” reclama espaços que “ameaçam tornar-se, componentes permanentes da paisagem urbana, os discursos de descrédito amplificam-se e aglomeram-se à sua volta, tanto ‘vindos de baixo’, nas interações banais da vida quotidiana, como ‘vindos de cima’, nos domínios jornalístico, político e burocrático (ou até, científico). Uma *mácula localizada* sobrepõe-se então aos estigmas já operantes, tradicionalmente ligados à pobreza e à pertença étnica ou ao estatuto de imigrante pós-colonial, aos quais ela não se reduz embora lhes estejam estreitamente ligados”. Este estigma territorial evocaria, para o autor (2006: 34), um “desregulamento simbólico” de que são exemplo os próprios rótulos que servem para identificar

2.3 Quando os de dentro falam: as faces de uma determinada visão do bairro

No âmbito da etnografia realizada na Mouraria (Menezes, 2003, 2004), foi possível observar que um dos aspetos que se destacava acerca da forma como o bairro era é percebido pelos de dentro⁹, é que, a par de uma lógica em que a importância do bairro é demarcada a partir dos seus próprios referenciais temáticos – o fado, a Severa, a procissão, a marcha e o arraial popular, a vida de rua –, existe uma outra que questiona a própria existência do bairro e que é bastante expressiva em frases como: “(...) bairro, qual bairro? Que convivência?”, “Olhe para o lado e diga-me se isso é um bairro?”, “(...) os mouros voltaram às origens. Agora não são mouros árabes, mas são muçulmanos na mesma”, “(...) já viu o cartão postal que se tornou a Mouraria?”. Aqui, a visão do bairro como um contexto característico e típico parece ter cedido lugar a uma perceção que acentua a sua descaracterização e transformação, como se as mudanças fossem tão intensas que, para aqueles que se consideram *filhos do bairro*, a Mouraria agora apenas é “caracterizada por ser o bairro da Mouraria, mais nada (...)”. (Menezes, 2003: 281).

Mas daqui decorrem dois aspetos que interessa explorar. Por um lado, quando se procura compreender o processo de construção de determinadas visões e imagens do bairro, através da forma como os indivíduos percebem o seu passado, é muito provável constatar-se que o antes é idealizado para enfatizar os aspetos percebidos como negativos no tempo de agora, através da ênfase que, em tempos passados, havia mais solidariedade entre os membros da comunidade, respeito pela ordem instituída, segurança e empenho nos rituais comemorativos. Como se a perceção da atualidade local se desse por contraste a um quotidiano perdido e idealizado, onde a desilusão com o presente se constrói por um acumular de perdas: do território, dos edifícios emblemáticos, da convivência, da vida de rua, do bairrismo, mas também da juventude de alguns. De facto, isto verificou-se relativamente aos *filhos da Mouraria*. Desse ponto de vista, é possível que a perceção de que o bairro está descaracterizado e que já não é nada, esteja relacionada com essa valorização do antes, por oposição ao agora.

Por outro lado, a desilusão, o desencanto ou mesmo o conflito entre a idealização de um quotidiano e a realidade do mesmo, seriam explicáveis pela

populações diferentes e dispersas, e em situação de marginalização socioespacial (“novos pobres, zonards, excluídos (...) e a trindade dos sem – sem trabalho, sem teto, sem papéis”).

⁹ Aqui tido como aqueles que se auto consideram *filhos do bairro*.

dificuldade que alguns indivíduos encontram para lidar com a alteridade, onde o outro é percebido como uma espécie de agente transformador dos elementos mais característicos da Mouraria e do seu lugar face aos outros bairros típicos, populares e tradicionais da cidade. Mas, admitindo que tais considerações devem ser tidas em conta, parece-nos que o que está em causa é de outro teor, já que, nas entrelinhas desse conflito e desencanto, uma dúvida emerge: que características são essas, cuja percepção de não continuidade parece ter cedido lugar a uma outra Mouraria?

O que está em causa relativamente ao bairro da Mouraria não decorre de duas lógicas que parecem contradizer-se, mas é, precisamente, um problema de ambiguidade que emerge da dualidade de uma percepção. Percepção esta que, por um lado, permite a invenção do bairro a partir dos seus referenciais temáticos – sendo aqui fundamental a ideia de que existe reciprocidade entre as lógicas endógenas e exógenas – e que, por outro, quando os de dentro identificam o bairro como um contexto descaracterizado, esta conceção tem por base as dinâmicas sociais que, presentemente, são ali produzidas. Como se, por detrás da percepção de que o bairro está descaracterizado, os de dentro estivessem insinuando que o bairro se vai caracterizando com outras práticas, temas e signos que não estão relacionados com aquilo que identificam como sendo uma Mouraria típica e tradicional. Portanto, reformulando a questão anterior, afinal: que representações e experiências vivificadas pelos de dentro estão na base das visões e imagens de que a Mouraria está descaracterizada?

Firmino da Costa (1999) referiu que a construção da imagem identitária dos bairros populares alimenta-se, reciprocamente, das lógicas endógenas e exógenas, através de um “redobramento simbólico” conduzido do exterior. Assim, a par da intensidade dos laços sociais e das formas simbólicas próprias a esses bairros, eles são igualmente intercetados por “significativos processos de mudança”, como também se configuram como “cenários de múltiplas intersecções” (Cordeiro e Firmino da Costa, 1999: 74-75). Isto permite considerar que a Mouraria se vai reconfigurando e reinventando como um bairro típico e tradicional da cidade. Uma condição que, somada a outras características e dinâmicas específicas, permite que a Mouraria mantenha o seu estatuto de bairro típico e tradicional com força para, em conjunto com os outros bairros, representar a cidade a partir de um conjunto de personagens característicos, referenciais temáticos e socioculturais.

As mudanças não são, somente, explicáveis pela ingerência dos *outros* no quotidiano do bairro, pois elas também estão na base da própria (re)configuração do nós e, como tal, dos que são de dentro, já que, a par das tantas transformações porque passa o bairro, ele permanece. Pelo que uma leitura mais cuidada mostra que, por detrás de um sentimento de perda e do confronto com a alteridade, existem diferenciadas formas de experimentar, perceber, viver e sentir o bairro.

A polarização que parece existir entre os de dentro e os de fora, entre nós e os outros ou entre a Mouraria de antes (tempo passado) e de agora (tempo presente)¹⁰, é apenas a ponta de um imenso *iceberg* cujo cerne trata das disputas relativas à imagem identitária da Mouraria. Neste sentido, quando os de dentro percebem o bairro como um contexto sem características, é relevante considerar que existem determinados mecanismos de dominação simbólica e um “efeito de sobreposição desfocada” (Cordeiro e Firmino da Costa: 1999)¹¹, ou ainda que tais questões são subsidiárias de uma problemática relacionada com os dilemas e as disputas simbólicas pela imagem identitária do bairro no processo de construção da própria imagem da cidade.

De certo modo, é através da leitura das dinâmicas e dos contextos que engendram a perceção do passado por parte daqueles que são de dentro, que foi possível entender a Mouraria enquanto contexto social, cultural e urbano do mundo presente (Menezes, 2003, 2004). A partir dessa leitura, foi possível evidenciar um conjunto de elementos, práticas, espaços, personagens e tipos culturais que se refletiam numa determinada visão do bairro, cuja participação infere uma adesão que pode ser “significativa para a demarcação de fronteiras e elaboração de identidades sociais” (Velho, 1994: 97).

Ao captar como os de dentro definiam e representavam o bairro, e como se posicionavam frente a ele, quais eram as suas opiniões e referências básicas por relação a perceção do passado, constatou-se que, muito embora existam diferenças entre os indivíduos, existem também, por assim dizer, determinadas experiências comuns que influenciam as suas representações e imagens. Isto permitiu considerar que essas

¹⁰ Segundo Pina Cabral (1989: 267-289), num trabalho sobre os camponeses do Alto do Minho, interessa estudar uma determinada visão do mundo na sua dinâmica de transformação, a polarização entre o antes e o agora, serve, sobretudo, como dispositivo heurístico de análise, pois as diferenças entre os dois pólos são relativas e ténues.

¹¹ Com esta noção, os autores pretendem explicar como que a interceção parcial de dois modos diferentes de identidade cultural pode desfocar as imagens identitárias (Cordeiro e Firmino da Costa, 1999: 65-66).

experiências podem fundamentar e sustentar uma determinada visão do bairro, observando que tal é flexível e admite a mutabilidade. Daí essa espécie de flutuação entre a ideia de que o bairro é como uma aldeia, característico, típico e tradicional ou mesmo que está descaracterizado.

Todavia, enquanto os de dentro acentuam uma imagem do bairro que transita entre a sua tipicidade e descaracterização, os de fora imaginam o bairro como típico e tradicional, mas também como multicultural e multiétnico ou, ainda, como um espaço contraditório fazendo, por sua vez, alusão à ideia de um espaço liminar e, curiosamente, é sobre as dinâmicas que sustentam as metáforas que dão lugar a essas últimas imagens, que os de dentro consideram que o bairro está descaracterizado.

2.4 Imagens e visões do bairro: quando os de fora falam

A Mouraria tem sido recordada, lembrada, descrita e visionada através de imagens que mencionam a sua pobreza, miséria e degradação, a sua sina fadista e triste, as suas casas arruinadas e sobrepostas num entrelaçar de ruas tortas cheias de vida e agitação. À margem dos elogios, o bairro é frequentemente evocado como um dos símbolos “de uma Lisboa típica, de prostituição e crimes fadistas” (Salgueiro e Garcia, *in* Cordeiro, 1995: 166). Bairro sujo e mal afamado, “prenhe de tradições assassinas e devassas”, com as ruas manchadas de sangue, onde o vício teve templos. Verdadeiro “quartel general dos rufiões e desordeiros, infestado de mulheres de má fama, de botequins e de batotas, valhacoutos de ladrões, de malfeitores e de galderios” (Ribeiro: 1907: 257-258). Norberto de Araújo (1931: 193) referiu que a Mouraria do seu tempo tinha-se distanciado dos séculos anteriores e ficado marcada pela pobreza, pela triste miséria e pela falta de civilização. Para António L. Farinha (1932: 11-12), tal civilização não existia porque a maioria dos habitantes da Mouraria não a desejava, pois mesmo que se melhorassem as condições de vida do bairro, o mesmo era dispensado pela população, ainda que “decorridos tantos séculos de civilização e higiene”.

Mas essa imagem também é, simbolicamente, acionada e positivada, transformando-se em ícone da especificidade do bairro, um emblema que tem contribuído para a sua autorrepresentação e perpetuação, mesmo na atualidade.

Mais recentemente, a Mouraria também tem sido evocada como um contexto multicultural e, na construção dessa imagem, observa-se um curioso processo de

ressignificação da sua história que, de antigo espaço segregado para os *mouros vencidos*, se transforma numa espécie de caso exemplar do convívio multiétnico na cidade¹².

Repare-se, entretanto, que a defesa da tradição multiétnica do bairro não se constrói como uma negação da sua tradição popular, mas, precisamente, por um complexo sistema de relações que permite ligar a cultura popular às *práticas antigas* que estariam na base de uma cultura lisboeta (*alfacinha*) e bairrista e que, para alguns, importa revitalizar a sua *genuinidade*¹³. Enquanto, de outro lado, permite relacionar a dimensão multiétnica da realidade social e urbana do bairro com a continuidade de uma prática que se reporta ao período medieval, advindo daí a especificidade do bairro no contexto urbano de Lisboa.

Em paralelo, verifica-se a recuperação da lenda do heroico Martim Moniz para demarcar a origem do bairro. Uma evocação, inclusivamente, materializada no planeamento e na decoração estética do mais moderno espaço público local – a Praça do Martim Moniz (1997) –, com alusões ao troço da Cerca Moura, aos soldados cristãos que derrotaram os mouros e uma inscrição sobre a lenda de Martim Moniz. E na estação do metropolitano, igualmente (re)denominada (a antiga designação era Socorro) com o nome do corajoso soldado, onde, para além de também existirem figuras a representar os vários cruzados que contribuíram para a Reconquista Cristã da cidade, aparece um painel com a seguinte inscrição¹⁴:

“*Socorro* – topónimo com raiz na antiga Igreja do Socorro – dá nome há um lugar que ao longo dos séculos foi constituindo interessantíssimo ponto de encontro de culturas diversas e de vivências múltiplas. Desde a presença de árabes que estará na origem da designação popular *Mouraria* até aos indianos e africanos. / Foram escolhidos três temas para representar, de forma iconográfica, três tempos históricos que simbolizam a convergência destas múltiplas culturas (...).”

¹² Na análise das imagens exógenas do bairro recorreu-se a fontes jornalísticas e literárias, bem como a entrevistas com comerciantes locais, trabalhadores na zona e aos técnicos de intervenção da Câmara Municipal de Lisboa, entre outros. Essas fontes são muitas e variadas, sendo aqui apenas citadas algumas, outras apenas comentados os conteúdos. Todavia, para uma consulta mais aprofundada desta informação, aconselha-se consultar: Menezes, 2003, 2004.

¹³ Em conversa informal com um técnico ligado à reabilitação urbana, foi-nos sugerido a importância de revitalização das *tradições antigas*, já que a *originalidade* e *genuinidade* de determinadas manifestações culturais se estavam perdendo.

¹⁴ Painel posicionado numa das saídas da estação de Metro do Martim Moniz.

Três culturas e três tempos são evocados para contar a *história* da freguesia do Socorro: árabe, indiana e africana. Curiosamente, não é feita referência aos outros tantos *vencidos* da Mouraria que, assim, surge como uma expressão popular oriunda da presença *árabe*, sendo-lhe retirado qualquer conteúdo ou conotação pejorativa que obviamente tem, já que *mouraria* designava o espaço segregado para os *mouros vencidos* que não saíram da cidade. Deparamo-nos, aqui, com uma espécie de mito que se espelha na imagem da multiculturalidade. Uma imagem pública que é construída entre uma mescla de mitos e realidade que, ao fazer menção à multiétnicidade, parece querer retirar do local toda a sua *má reputação* de sina fadista, já que nenhum dos elementos de decoração da estação do metropolitano e da praça se inspiraram naquela outra faceta do bairro.

A imagem de bairro mal afamado é como que substituída por imagens de maior centralidade e atratividade, parecendo que o bairro passa a atrair jovens moradores e *flâneurs* (potenciais *gentrifiers efémeros*?).

A *antiguidade medieval* do convívio multiétnico local serviu, ainda, como ponto de referência para a abertura de um roteiro de passeios numa *Lisboa de todas as cores*¹⁵:

“Em 1147, D. Afonso Henriques, primeiro rei de Portugal, conquistou aos Árabes a cidade de Lisboa. Um dos fidalgos que o acompanhavam, Martim Moniz, impediu o encerramento de uma das principais portas do castelo utilizando o próprio corpo como obstáculo. A história não o esqueceu. Em pleno coração de Lisboa uma praça guarda o seu nome. / Foi a partir desta praça, entalada entre duas colinas, que se formou pouco a pouco o Bairro da Mouraria. O local ganhou essa designação depois da conquista (...)” (Aigualusa, 1999: 9).

Muito embora o fragmento acima tenha algumas imprecisões históricas e urbanas – uma das quais é que a Mouraria não se originou da praça – o seu interesse não é devido às suas aligeiradas citações históricas, mas justamente porque auxilia a compreender alguns dos elementos que contribuem para a construção de uma determinada tradição do bairro. O fragmento permite ilustrar três aspetos importantes: o

¹⁵ Não deixa de ser curiosa a correspondência entre a ideia de uma *Lisboa de todas as cores* (Aigualusa, 1999) – e que no roteiro foi traduzido para *United Colours of Lisbon* – com o anúncio da Benetton (*United Colours of Benetton*). Já António P. Ribeiro, num artigo de opinião para o *Jornal Público* (16.11.2000), havia observado sobre o risco da utilização do conceito de multicultural como proposta de integração forçada das diferentes comunidades étnicas, através do efeito de *benettonização* da sociedade.

ponto de abertura do roteiro *Lisboa, cidade de exílios* é a conquista da cidade aos mouros; a demarcação da *origem* da multietnicidade com a Reconquista Cristã; e a demarcação da *origem* da Mouraria a partir da praça que, entretanto, recebeu o nome do lendário soldado.

Com a positivação do elemento *mouro*, a ideia de *vencido* que, normalmente, lhe era associada parece deixar de ter significado, dando-se uma espécie de transfiguração do seu significado através da utilização da designação *árabe*, desse modo, adquirindo, uma maior amplitude que, inclusivamente, faculta a aproximação com o universo de *além-mar*, o mundo ultramarino das descobertas portuguesas, com os aromas e cores também trazidos pelos indianos e africanos, seguidos dos chineses. Na sucessão de desapropriações e transformações da história local, e da sua interseção com momentos históricos fundamentais para a invenção da própria identidade nacional, verifica-se uma importante estratégia simbólica de positivação da imagem do *outro* que, assim, é transformado numa espécie de símbolo do lugar Mouraria.

As significações de um imaginário que se constrói por entre contradições e emblematizações, e que tanto podem descrever o bairro como *capela do fado*¹⁶ ou pela *invasão da prostituição* (Guia *A Capital*, 16.07.1983), ainda causam espanto a alguns jornalistas quando se dão conta que *má fama* não é significado de insanidade por parte dos seus habitantes: “mesmo que essa má fama tenha alguma razão de existir, o certo é que na Mouraria as pessoas são, de um modo geral, sãs e possuidoras de um bairrismo pouco comum” (*O Dia*, 26.07.94). Aliás, as contradições da Mouraria parecem ser um dos temas mais evocados pelos de fora. Pois, como conciliar tipicidade, capela do fado, marginalidade, sagrado e profano, prostituição, sem-abrigo e multiculturalidade?

A construção de retratos ambíguos, contrastantes, estigmatizantes e, interessantemente, típicos de uma Mouraria que avança para o século XXI, relembra um conjunto de traços que têm sido referidos para descrever o bairro desde o final do século XIX, revelando como a imagem do bairro vem sendo construída através de uma mescla entre tipicidade e má fama.

Para uma trabalhadora de um cabeleireiro local, o bairro agora “até parece o Texas, há anos é que era um paraíso”. E um dos comerciantes indianos ali instalado, desde há alguns anos, porque “a *malta* de origem moçambicana já cá estava” e a zona já

¹⁶ A sala do *Grupo Desportivo da Mouraria*, onde se realizam sessões de fado, chama-se *catedral do fado*. É corrente, ainda, a designação *templo do fado* ser associada à Mouraria.

era conhecida pelo tipo de comércio que ali se realiza, salientou que, apesar de já terem surgido muitas oportunidades, nunca pensou fixar residência com a família no bairro, por causa do “ambiente que ali existe, com os problemas de roubo, prostituição e os sem lar” (Menezes, 2003: 337). Por seu lado, uma portuguesa trabalhadora no comércio local, até gosta do bairro, mas acha “que o mal aspecto é que não dá bom ar, as vezes, em vez de ser pitoresco é decadente”. Para um comerciante português agora “é tanta mistura que é difícil dizer o que caracteriza o bairro, porque antes se dizia o peixe e as vendedeiras, o fado, mas agora é a droga”.

Bairro típico, bairrismo, festas populares, marcha, antigo, são alguns dos principais traços que caracterizam a Mouraria, segundo os comerciantes que participaram de um inquérito por questionário que realizámos, em 1999. Mas, enquanto os comerciantes portugueses acentuavam a tipicidade do bairro relacionado com o fado, as festas populares, a procissão e ainda à figura da Severa, os indianos mais facilmente atribuíam esta tipicidade à ideia de antigo, histórico e bairrismo.

Chaga social foi, contudo, o termo utilizado pelo Jornal das Regiões (02.04.2001), para retratar a mistura de “droga e prostituição” que atravessa o eixo Baixa-Arroios, onde se situam a Mouraria e o Martim Moniz, já que é um eixo “invadido por marginais de toda espécie”.

“Ai Mouraria!”¹⁷ Bairro aclamado como típico e popular, e, mais recentemente, como multiétnico e multicultural. Bairro desdido como marginal e inseguro. Imagens desenhadas ao sabor das narrativas, das notícias, das festas e das ocorrências criminais. Aqui, interessa observar que as interseções entre o campo das significações imaginárias do bairro e a interligação com as práticas socioculturais e espaciais dos distintos indivíduos, sobretudo aquelas que se desenvolvem nos espaços público e semipúblico, revelam a íntima articulação entre a experiência dos diferentes atores sociais, os símbolos, os valores sociais e as imagens. Contudo, esta articulação é dinâmica e flexível, adequando-se aos distintos tempos (quotidiano e fora do quotidiano) e espaços, às diferentes situações percebidas, bem como às experiências dos diferentes atores sociais. O que, de um lado, permite salientar que as imagens produzidas pelos de fora contribuem para a construção de determinados significados urbanos e símbolos identitários, que, por sua vez, interferem no universo das práticas, experiências e

¹⁷ “Ai Mouraria” é uma letra de fado.

representações. Enquanto, por outro lado, revela que as articulações existentes são, sobretudo, subsidiárias de uma lógica que prima pela ambiguidade. Daí que, como dispositivo de análise, parece-nos importante a realização de uma leitura tripartida das visões e imagens que os de fora elaboram da Mouraria. Isto porque essa leitura permite valorizar a ambiguidade como valor estrutural do processo de consolidação e reconfiguração das imagens do bairro, possibilitando observar a existência de uma intrincada rede de relações de oposição, contradição, dualidade, ambivalência, complementaridade e simultaneidade. Daí poder ter interesse abordar as imagens e visões exógenas do bairro sob três prismas: (1º) a utilização da miséria, do ambiente do fado e a má fama daí decorrente, como a importância de determinadas cerimónias e rituais, na construção de uma imagem identitária que se apoia nas tradições populares, permitindo a emblematização do bairro e a sua perpetuação; (2º) a ressignificação de alguns aspetos da história do bairro, através da recuperação da lenda de Martim Moniz e da posituação do convívio multiétnico, na construção de uma imagem identitária fundamentada nas tradições multiétnicas do bairro; (3º) a repercussão de um processo de segregação sócio-espacial na construção de uma imagem territorial estigmatizada, com a perpetuação de determinados traços socioculturais e urbanos, como a indexação de novos traços, simbolicamente ligados à miscelânea de liminaridades da atualidade.

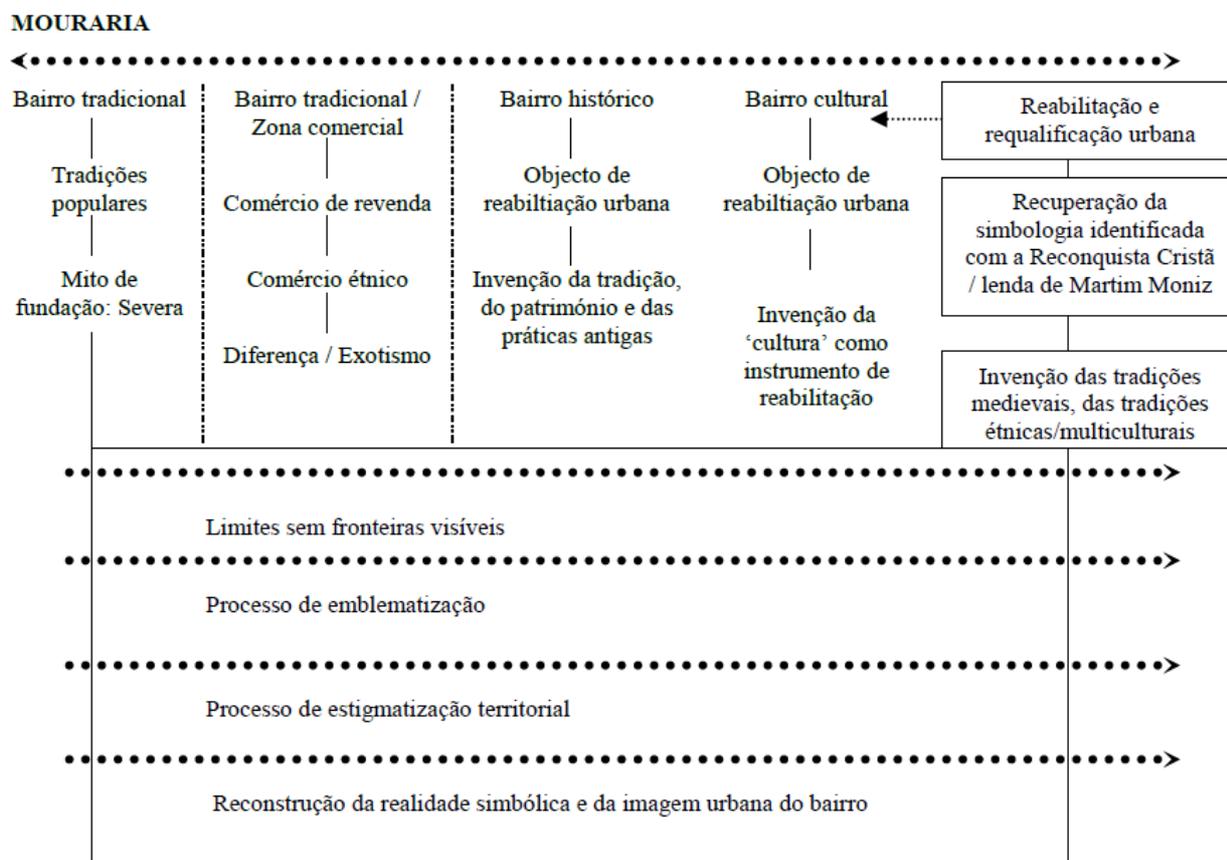
3. Imagens trazidas com a reabilitação urbana

Em meados de 1980, o bairro constitui-se como “objecto de reabilitação urbana” (Firmino da Costa e Ribeiro, 1989). No âmbito deste novo ideal urbano, foi definido um conjunto de prioridades que primam pela valorização do património histórico-cultural, a partir da demarcação de princípios orientadores e de regras que viabilizem a transmissão da herança histórica e a responsabilização dos diferentes atores sociais no processo de manutenção e conservação do património (ver Figura 2). Pelo que visa-se “a fixação e melhoria das condições de vida dos residentes, proporcionando melhores condições de habitabilidade, reconvertendo e criando novos equipamentos. Pretende-se deste modo a revitalização económica, estimulando a população residente a participar neste processo global”¹⁸.

¹⁸ Cfr.: Plano de Urbanização do Núcleo Histórico da Mouraria, Câmara Municipal de Lisboa, 1996: Vol. 4: 1.

A instalação, a aplicação e o desenvolvimento desta orientação urbana desencadeou, entretanto, um conjunto de novas dinâmicas sociais e urbanas, alterando as rotinas quotidianas há muito sedimentadas. O processo de reabilitação urbana induziu (e induz) à criação de novas lógicas de uso, apropriação e percepção do espaço do bairro bem como de novas relações com a cidade. A par da melhoria das condições de habitabilidade que, pontualmente, foram sendo proporcionadas, gradualmente o processo de reabilitação urbana apropria-se da imagem pública do bairro e, curiosamente, tradicional e histórico passam a ser associados a medieval, práticas antigas, multiculturalidade e multietnicidade.

Figura 2 – Aspectos centrais da invenção da Mouraria (ii)



Fonte: Adaptado de Menezes, 2003

Todavia, o bairro persiste como contexto de uma intervenção urbana que visa inverter a situação de degradação física, de precariedade social e de insegurança urbana, destacando-se o recente plano de intervenção camarária denominado *Programa de*

Acção Mouraria – As cidades dentro da cidade, datado de junho de 2010 e divulgado através de um logótipo que se socorre da expressão “Ai Mouraria!” – curiosamente, uma letra de fado que faz alusão a uma Mouraria perdida ... – através de um jogo entre a expressão “ai” e o final da palavra “ia” (Mouraria) pode-se deduzir a seguinte ideia: *ai morar ia* (ver Fig. 3).

O logótipo do Programa encontra-se, ainda, divulgado em cartazes situados em áreas estratégicas daquela zona da cidade, juntamente com cartazes alusivos ao “que vai mudar na Mouraria”. Isto é, mais do que a recuperação do passado, dá-se agora um futuro que parece pretender-se presente (Gomes, 2011).

Figura 3 – Logótipo do “Programa de Acção Mouraria”



Fonte: <http://www.cm-lisboa.pt/?idc=661>

O referido Programa é apresentado no *site* da Câmara Municipal de Lisboa (CML) do seguinte modo:

“Face a um quadro de problemas sócio-urbanísticos geradores de exclusão identificados no bairro da Mouraria, sendo os mais evidentes a degradação do edificado e do espaço público, o envelhecimento da população, as carências económicas das famílias e a prática de comércios ilícitos, foi desenvolvido o Programa de Acção (PA) Mouraria: as cidades dentro da cidade, constituído por um conjunto de operações com vista ao reforço dos aspectos positivos do bairro, de que são exemplo o património material e imaterial, a actividade económica, a vitalidade populacional e a multiculturalidade”.

A “intervenção de maior visibilidade e indutora de novos comportamentos” será, no âmbito deste Programa, “a requalificação do espaço público” (*in site* da CML). Ao que, espera-se que tal requalificação viabilize “a divulgação da Mouraria nas rotas turísticas (...) com a criação de um Percurso Turístico-Cultural”. No seguimento destas preocupações de intervenção, determinados edifícios foram “identificados como estruturas identitárias”.

De entre as outras ações programadas, destaca-se a da “dimensão identitária e de integração”, entretanto protagonizada pela ação *Corredor Intercultural* e que “pretende funcionar como uma caixa de ressonância de valorização transversal da interculturalidade”, através de ações como: o festival multicultural *Há Mundos na Mouraria*, a promoção da gastronomia árabe e galega e da que “resulta da miscigenação étnica e cultural”, e, ainda, ações de “carácter cultural e de transmissão de conhecimento”, no sentido de aproximar a “população habitualmente considerada inculta a formas de expressão incluídas no que habitualmente se designa por cultura” (*in site* da CML).

Numa outra perspetiva, a CML, em conjunto com vários outros organismos e associações socioculturais promoveu a 3ª Edição do *Festival Todos*, que, realizado “para esta maravilhosa ‘ilha’ obscura que resiste no interior de Lisboa” (*in site* Todos – Caminhada de Culturas), desenvolve-se a partir de “seis formas de correr o mundo sem sair de Lisboa”, designadamente circo, teatro, música, gastronomia, dança e fotografia (*in site* Timeout), onde, entre outros aspetos, vislumbra-se o carácter internacional da Mouraria, através de um festival “(...) de dimensão internacional desenhado à medida do bairro, que propõe ao longo de 4 dias um contacto forte e íntimo com as culturas que habitam esta zona da cidade (...)” (*in site* Timeout), sendo ainda possível “(...) que se viaje pelo mundo sem sair de Lisboa. Só há um lugar assim nesta cidade (...)” (*in site* RTP Notícias).

Na verdade, os tantos hiatos liminares que preenchem a Mouraria, as suas manchas coloridas e os seus compassos socioculturais, são importantes contributos para a consideração de que o quotidiano local é rico em práticas e acontecimentos que fazem menção a uma certa marginalidade e informalidade, pobreza, tipicidade e tradições, como à presença de diferentes etnias e, enfim, patrimónios. Por certo, na Mouraria coexistem distintas ‘Mourarias’, provavelmente distintas ‘culturas’. Mas, afinal de que se fala quando se fala em ‘cultura’?

4. A polifonia de um bairro em pleno século XXI

A Mouraria é um bairro popular que tem sido saudosamente recordado pelo seu pitoresco e peculiaridade cultural de sina fadista, mas, contraditória e ambigualmente, também repellido por essas mesmas características, entretanto exacerbadas enquanto

vício, crime, atrofiamento urbano, miséria e insalubridade. Uma curiosa combinação que, convertida em tipicidade e tradição, tornou-se tema para a autorrepresentação do bairro nos arraiais e nas marchas populares da cidade, sendo, sobretudo, evocado o mito da Severa. Mais recentemente, a ideia de que o bairro é, secularmente, atravessado por dinâmicas multiétnicas e multiculturais, também tem contribuído para a invenção de uma outra tradição que, por sua vez, se espelha no par património/histórico e, que curiosamente recupera a lenda de Martim Moniz. No ímpeto das revitalizações, as dinâmicas de intervenção urbanística inscrevem-se no espaço e na esfera pública, reinventando cenários e imagens do que é tradicional e típico, ou, como referiu Bourdin (1984), criando novas maneiras de pensar e representar o espaço.

Na verdade, no processo de consolidação e reconfiguração das imagens identitárias, verifica-se que, a par da continuidade de determinados traços que são utilizados para caracterizar a Mouraria, outros vão sendo indexados ao campo das significações imaginárias do bairro (ver Quadro 1).

Quadro 1 – Das metáforas às imagens da Mouraria

MÁ FAMA E TIPICIDADE	COMPLICADO / CONTRADITÓRIO	MULTICULTURALIDAD E / MULTIETNICIDADE	CULTURAL
Vício	Insalubridade	Lenda de Martim	Culturas
Miséria	Falta de civilização	Moniz	Todos
Tempestuoso	Crime	Centro Comercial (da	Práticas antigas
Prostituição	Desordem pública	Mouraria e do Martim	Património material
Descaracterizado	Marginal	Moniz)	Património imaterial
Fado	Ilegalidades	Mistura social	Gastronomia árabe
Fadista	Gueto	Convívio multiétnico	Gastronomia galega
Bairrismo	Vale dos vencidos	Mundos	Internacional
Antigo	Texas	Mundo português	
Festas populares	Chaga Social	Espaço plural	
Marcha	Insegurança	Outros	
Procissão	Prostituição	Cosmopolita	
Pitoresco (ruas e edifícios)	Sem-abrigo	Outra geografia	
	Sem papeis	Fragrâncias e Odores	
	Imigrantes	Cores	
	Toxicodependentes /	Paladares	
	Traficantes		
	Degradação do		
	parque edificado		
	Precariedade social		
	Sujidade		

Fonte: Adaptado de Menezes, 2003

Mas a versão popular e típica como a versão multicultural do bairro são atravessadas por elaborados processos de estigmatização territorial e de emblematização, acentuando, assim, as tantas interconexões, complementaridades, contradições, oposições e complicações do bairro.

No século XXI, verifica-se a continuidade de determinadas imagens identitárias e simbólicas, mas agora sob a égide do efeito *cultura*, entretanto transformada em instrumento de reabilitação e revitalização urbana, dando lugar ao que alguns autores têm vindo a designar como “intervenções urbano-culturais” (Kara José, 2007), “urbanismo cenográfico” (Lacarrieu, Carman e Girola, 2006) ou “culturalização do planeamento e da cidade” (Vaz, 2004). Estas perspetivas parecem remeter para uma *estetização* dos processos de intervenção, como para a invenção de uma variedade de conceções de cidade: cidade-criativa, cidade-evento ou cidade-mercadoria. Parece-nos ser aqui evocativa a criação de uma “indústria do imaginário”, onde a *cultura* insurge-se contra os conflitos e a segregação, promovendo uma cidadania contemplativa e politicamente esvaziada (Lacarrieu, Carman e Girola, 2006). O que revela uma significativa alteração do papel da *cultura* no âmbito da relação entre património, cidadania, políticas de intervenção e cidade.

Todavia, os espaços públicos do bairro são, cada vez mais, ponto de encontro de diferentes etnias e essa visibilidade não passa despercebida aos olhos de um qualquer transeunte ou dos fazedores de imagens da cidade. Mas a procissão ainda atravessa as ruas do bairro e da cidade; os arraiais populares englobam a casa, a rua, o bairro e a cidade num só espaço; a marcha continua a representar determinados símbolos emblemáticos do bairro e a percorrer as passarelas da cidade; as relações de vizinhança são intensas; a prostituição continua; os delitos aumentaram; os sem-abrigo subsistem; a toxicodependência e o tráfico de droga são reais; a ilegalidade e a marginalidade existem; as casas caem e incendiam-se; e tais características estimulam a invenção de metáforas urbanas que também são fazedoras de imagens – endógenas e exógenas – do bairro.

As metáforas mais evocadas para mencionar o bairro contribuem para o processo de segregação e estigmatização territorial, como para o processo de emblematização do bairro. Pelo que, face à complexidade polifónica que tem lugar na Mouraria, parece-nos fundamental a realização de uma leitura da sua realidade social, cultural, simbólica e urbana, de modo a enfatizar a ambiguidade e a ambivalência. Sabendo que a

intervenção urbana visa atuar sobre o lado obscuro subjacente à ambiguidade dos espaços intersticiais, como temos vindo a salientar, talvez fosse de admitir que a ambiguidade e a intersticialidade são condições intrínsecas à nossa contemporaneidade, o que releva o interesse em considerar, também, as potencialidades inerentes a tais condições.

Referências bibliográficas

- AGUALUSA, José Eduardo (1999), *Lisboa, Cidade de Exílios*, Lisboa, CML.
- ARAÚJO, Norberto (1931), *Fado da Mouraria*, Lisboa, Livraria Popular de Francisco Franco.
- AUGÉ, Marc (1997), *Storie del Presente – Per una Antropologia dei Mundi Contemporani*, Milano, Il Saggiatore.
- (1999), *O Sentido dos Outros*, Petrópolis, Editora Vozes.
- BAGUINHO, Fernando da Costa (1999), *Sentimento Bairrista*, Lisboa, Edição de Autor.
- BARROS, Maria F. Lopes de (1998), *A Comuna Muçulmana de Lisboa – sécs. XIV e XV*, Lisboa, Hugin (Biblioteca de Estudos Árabes).
- BARTHES, Roland (1987), *Mitologias*, 7ª ed., São Paulo, Difel.
- BOURDIN, Alain (1984), *Le Patrimoine Réinventé*, Paris, PUF.
- CABRAL, João de Pina (1989), *Filhos de Adão, Filhas de Eva. A Visão do Mundo Camponesa no Alto do Minho*, Lisboa, Publicações Dom Quixote.
- CÂMARA MUNICIPAL DE LISBOA (1996), *Plano de Urbanização do Núcleo Histórico da Mouraria*, Lisboa, DMRU, Gabinete Técnico Local da Mouraria.
- CASTILHO, Júlio de (1967 [1885]), *Lisboa Antiga – Bairros Orientais*, 3ª ed., Lisboa, Oficinas Gráficas da CML, Vol. III.
- CHAVES, Miguel A. (1996), *Da Gandaia ao Narcotráfico – Marginalidade Económica e Dominação Simbólica num Bairro de Lisboa*, Lisboa, ICS (Tese de Mestrado).
- CORDEIRO, Graça Índias (1995), *Um Bairro no Coração da Cidade. Um Estudo Antropológico sobre a Construção Social de um Bairro Típico de Lisboa*, Tese de Doutoramento, Lisboa, ISCTE.
- CORDEIRO, Graça Índias; FIRMINO DA COSTA, António (1999), “Bairros: contexto e intersecção”, in Gilberto Velho (org.), *Antropologia Urbana. Cultura e Sociedade no Brasil e em Portugal*, Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editor, pp. 58-79.

- FARINHA, António Lourenço (1932), *Notícia Histórica do Bairro das Olarias (Lisboa)*, Lisboa, Cucujães.
- FIRMINO DA COSTA, António (1999), *Sociedade de Bairro*, Oeiras, Celta Editora.
- FIRMINO DA COSTA, António; RIBEIRO, Manuel João (1989), “A construção social de um objecto de reabilitação”, in *Sociedade e Território*, n.º 10-11, 85-95.
- FUNDAÇÃO CALOUSTE GULBENKIAN (1991 [1924]), *Guia de Portugal (I) – Lisboa e Arredores*, 3ª ed., Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian.
- GOMES, Hélène Veiga (2011), “Le visuel dans le ville : croisements et perspectives à partir do Largo do Intendente”, in *Actas do SICYUrb*, Lisboa, ISCTE [Consult. a 1 novembro 2011]. Disponível em:
<http://conferencias.cies.iscte.pt/index.php/icyurb/sicyurb/paper/view/219/133>.
- GUPTA, Akhil; FERGUNSON, James (2000), “Mais além da ‘cultura’: espaço, identidade e política da diferença”, in Antonio A. Arantes (org.), *O Espaço da Diferença*, Campinas, Papyrus, pp. 30-49.
- HANNERZ, Ulf (1997), “Fluxos, fronteiras, híbridos: palavras-chave da antropologia transnacional”, in *Mana*, n.º 1, vol. 3, 7-39.
- HOBBSBAWM, Eric; RANGER, Terence (ed.) (1996), *The Invention of Tradition*, 12ª ed., Cambridge, University Press.
- KARA JOSÉ, Beatriz (2007), *Políticas culturais e negócios Urbanos. A Instrumentalização da Cultura na Revitalização do Centro de São Paulo – 1975-2000*, São Paulo, Annablume Editora.
- LACARRIEU, Monica; CARMAN, Maria; GIROLA, Florencia (2006), “Procesos de transformación urbana en lugares centrales y periféricos del área metropolitana de Buenos Aires: ganó el urbanismo escenográfico?”, in Heitor Frugóli Jr. e T. Andrade, *A cidade e seus Agentes: Práticas e Representações*, Belo Horizonte / São Paulo, PUC Minas, pp. 98-127.
- MACHADO PAIS, José (1985), *A Prostituição e a Lisboa Boémia do Século XIX aos Inícios do Século XX*, Lisboa, Editorial Quercó.
- MENEZES, Marlucci (1994), *Ecologia Social e Reabilitação Urbana. Curso de Introdução à Reabilitação Urbana*, ITECS 26, Lisboa, LNEC.
- (2003), *Mouraria: entre o Mito da Severa e o Martim Moniz – Estudo antropológico sobre o campo de significações imaginárias de um bairro típico de Lisboa*, Coleção Teses e Programas de Investigação, TPI 23, Lisboa, LNEC.
- (2004), *Mouraria, Retalhos de um Imaginário: significados urbanos de um bairro de Lisboa*, Oeiras, Celta Editora.
- (2005), “Património urbano: por onde passa a sua salvaguarda e reabilitação? Uma breve visita à Mouraria”, in *Cidades, Comunidades e Territórios*, n.º 11, 65-82.

- (2009), “A Praça do Martim Moniz: Etnografando Lógicas Socioculturais de Inscrição da Praça no Mapa Social de Lisboa”, in *Horizontes Antropológicos*, n.º 32, 301-328.
- (2011), “*Todos na Mouraria? Diversidades, desigualdades e diferenças entre os que vêm ver o bairro, nele vivem e nele querem viver*”, in *Actas do XI Congresso Luso-Afro-Brasileiro de Ciências Sociais (CONLAB)*, agosto, Universidade Federal da Bahia. Disponível em: http://www.xiconlab.eventos.dype.com.br/resources/anais/3/1306516109_ARQUIVO_MARLUCIMENEZES_TEXTO_CONLAB_2011.pdf.
- OLIVEN, George Ruben (1992), *A Parte e o Todo: a Diversidade Cultural no Brasil-Nação*, Petrópolis, Vozes.
- PINHEIRO, Joaquim Gil (1905), *Roteiro de Lisboa – Histórico, Hydrographico, Chorographico, Archeologico e Estatistico*, São Paulo, Brasil.
- REIS, Luis da Câmara (1908), “A miséria em Lisboa”, in *Serões*, vol. VII, 324-343.
- RIBEIRO, Vitor (1907), “A Mouraria”, in *Serões*, 2ª série, vol. IV, 251-262.
- VAZ, Lilian Fessler (2004), “A *culturalização* do planeamento e da cidade – novos modelos?”, in *Territórios Urbanos e Políticas Culturais*, Cadernos PPG-AU/FAUNA, nº especial, 31-42.
- VELHO, Gilberto (1994), *Projecto e Metamorfose. Antropologia das Sociedades Complexas*, Rio de Janeiro, Zahar Editor.
- WACQUANT, Loic (2006), “A estigmatização territorial na idade da marginalidade avançada”, in *Sociologia*, 16, 27-39.
- ZUKIN, Sharon (2000), “Paisagens urbanas pós-modernas: mapeando cultura e poder”, in António A. Arantes (org.), *O Espaço da Diferença*, Campinas, Papirus, pp. 81-103.

Jornais consultados

- GUIA A CAPITAL (16.07.1983), “Mouraria – Capela do Fado”.
- JORNAL DAS REGIÕES (02.04.2001), “Como nasceu a freguesia do Socorro – Sede paroquial em mudanças constantes”.
- O DIA (26.07.1994), “Lisboa Bairrista: Mouraria é riqueza da freguesia do Socorro”.

Sites consultados

- CÂMARA MUNICIPAL DE LISBOA: <<http://www.cm-lisboa.pt/?idc=661>>. [Consult. a 15 março 2011].
- Blog – *Todos. Caminhada de Culturas*: <<http://todoscaminhadadeculturas.blogspot.com/>>. [Consult. a 15 março 2011].
- Timeout: <http://timeout.sapo.pt/news.asp?id_news=5964>. [Consult. a 10 maio 2011].
- RTP – Notícias: <<http://www.rtp.pt/noticias/?t=Martim-Moniz-e-palco-do-Festival->

Todos.rtp&headline=20&visual=9&article=376435&tm=4>. [Consult. a 10 setembro 2011].
Viver Lisboa: <<http://www.viverlisboa.org/?p=6912>>. [Consult. a 15 março 2011].

ABSTRACT/RÉSUMÉ/RESUMEN

Abstract

Discussing myths, representations and beliefs about the invention of a Lisbon neighborhood

This paper discusses the complementarities and setbacks regarding the invention of Mouraria quarter, in Lisbon. The focus is on the attempts to (re) invent the neighborhood, by proposing technical and urban interventions that plaster urban identity and symbols, especially enhanced through the idea of 'plural' and 'cultural' city. It also explores the hypothesis that the ambiguity and ambivalence, as the interconnections between the processes of emblematic and territorial stigmatization, are central to the interpretation of the 'polyphonic' reality of this particular neighborhood.

Keywords: Images of identity; Processes of emblematic and territorial stigmatization; Polyphonic; Neighborhood.

Résumé

Discuter des mythes, des représentations et croyances sur l'invention d'un quartier de Lisbonne

Ce travail examine les complémentarités et les revers de l'invention du quartier Mouraria, à Lisbonne. L'accent est mis sur les tentatives de (re) invention du quartier à travers des propositions d'interventions techniques et urbanistiques de fixation des valeurs et des représentations identitaires, particulièrement renforcées autour de l'idée de ville 'pluriel' et 'culturel'. Ce document explore aussi l'hypothèse que l'ambiguïté et l'ambivalence, comme les interconnexions entre les processus de stigmatisation et d'emblématisations territoriales, sont primordiales pour l'interprétation de la réalité 'polyphonique' du quartier.

Mots-clés: Images de l'identité; Processus de stigmatisation et d'emblématisations territoriales; Polyphonique; Quartier.

Resumen

Debatiendo mitos, representaciones y convicciones sobre la invención de un barrio de Lisboa

Este artículo analiza las complementariedades y las contrariedades de la invención del barrio de la Mouraria, en Lisboa. Se centra en los intentos de (re)invención del barrio mediante la

propuesta de intervención técnica y urbana que plasma identidades y símbolos urbanos, que a su vez son reforzados por las ideas de ciudad ‘plural’ y ‘cultural’. También se aborda la hipótesis de que la ambigüedad y la ambivalencia, como interconexiones entre los procesos de emblemización y la estigmatización territorial, son fundamentales para la interpretación de la ‘polifonía’ subyacente en la realidad particular de este barrio.

Palabras-clave: Imágenes de la identidad; Procesos de emblemización y estigmatización territorial; Polifónico; Barrio.